

A(s) linguística(s) e sua(s) epistemologia(s)

Linguistics and its epistemology(ies)

Valdir do Nascimento Flores 

Alessandra Nicolini 

Bárbara Maria da Silva 

Larissa Colombo Freisleben 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil

E-mail: valdirnf@yahoo.com.br

E-mail: alessandraumdois@gmail.com

E-mail: barbara.mariadasilva@gmail.com

E-mail: larissacfreisleben@gmail.com

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Autor correspondente

Valdir do Nascimento Flores
valdirnf@yahoo.com.br

Recebido em: 18/07/2023

Aceito em: 08/03/2024

Como citar:

FLORES, Valdir do Nascimento; NICOLINI, Alessandra; SILVA, Bárbara Maria; FREISLEBEN, Larissa Colombo. A(s) linguística(s) e sua(s) epistemologia(s). *Revista Diadorim*, v.25, n.1, e59729, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a59729>

Resumo

Este texto busca apresentar uma discussão sobre as possibilidades de configuração da reflexão epistemológica no âmbito da linguística. Defende-se que, em função da organização teórico-metodológica heterogênea da linguística, que dá lugar a diferentes modelos de análise linguística, a epistemologia do campo pode ser configurada somente se essa diversidade teórico-metodológica for levada em conta. Com base na teorização epistemológica de Milner (2021), conclui-se, enfim, que a existência de linguísticas distintas exige distintas epistemologias. Por fim, desenvolve-se a ideia de “epistemologia única”, na qual estão abrigados aspectos gerais e específicos de uma epistemologia da linguística. Os aspectos gerais dizem respeito a uma espécie de “epistemologia mínima”; os aspectos específicos dizem respeito à configuração teórico-metodológica de cada linguística.

Palavras-chave

Epistemologia da linguística; Métodos linguísticos; Objeto da linguística; Análise linguística.

Abstract

This text discusses the configuration possibilities of epistemological reflection in linguistics. We argue that, due to the heterogeneous theoretical-methodological organization of linguistics, which gives rise to different models of linguistic analysis, the epistemology of the field can only be configured if this theoretical-methodological diversity is taken into account. Based on Milner's epistemological theorization (2021), we conclude that the existence of different linguistics requires different epistemologies. Finally, we develop the idea of a "single epistemology" that contains general and specific aspects of an epistemology of linguistics. The general elements concern a kind of "minimal epistemology"; the particular aspects concern the theoretical-methodological configuration of each linguistic.

Keywords

Epistemology of linguistics; Linguistic methods; Object of linguistics; Linguistic analysis.

Introdução

O título deste artigo¹ pode chamar alguma atenção em função da concomitância entre o singular e o plural, indicada pelo uso dos parênteses. As duas ideias nele marcadas podem, de início, parecer contraditórias, e isso devido ao menos a um motivo: não é comum a pluralização nem de domínios admitidos como científicos (a linguística, por exemplo), nem do ponto de vista (a epistemologia) a partir do qual esses domínios são avaliados na sua qualidade de reflexão geral quanto à natureza, às etapas e aos limites do conhecimento que produzem. No entanto, a tese que queremos apresentar aqui pode ser facilmente expressa a partir da dupla afirmação que a simultaneidade do singular/plural deixa entrever, e nossa intenção é apresentar argumentos que a justifiquem.

A ideia é propor uma reflexão "de dentro" do campo conhecido pelo singular definido "a linguística" e defender que ele somente pode ser avaliado em termos de condições de possibilidade de emergência se for levada em conta sua configuração teórico-metodológica plural. Admitir isso, ao contrário do que poderia inicialmente parecer, não leva à fragmentação do campo e à consequente impossibilidade de identificar aspectos epistemológicos comuns que justifiquem uma afirmação de unicidade. Dito de outro modo, a coexistência entre a multiplicidade de configurações

¹ Este artigo decorre das atividades desenvolvidas pelo grupo de estudos sobre "epistemologia da linguística" do qual as autoras e o autor fazem parte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

teórico-metodológicas e a afirmação de uma unicidade do campo não são contraditórias, quando o que está em exame é a linguística. Sobre isso, no entanto, cabem ainda algumas considerações preliminares.

Como se sabe, não há nada de novo em avaliar o estatuto epistemológico da linguística, em especial quanto à sua configuração como ciência. O tema é corrente tanto em livros introdutórios – que têm objetivos gerais, de ordem didática – quanto em trabalhos dedicados a aprofundar determinados temas – que têm objetivos específicos, de ordem mais técnica. Vejamos alguns exemplos.

Lyons (1987), em *Lingua(gem) e linguística*, obra considerada um clássico da linguística geral, indaga de maneira provocativa: “A linguística é uma ciência?” (Lyons, 1987, p. 27). Para o autor, “a linguística é normalmente definida como ciência da linguagem, ou, alternativamente, como estudo científico da linguagem” (Lyons, 1987, p. 27); no entanto, essa definição, que à primeira vista parece ser suficientemente direta e se encontra na maior parte dos livros e tratamentos gerais do assunto, não deixa claro “qual o significado exato de ‘língua(gem)’ e de científico” (Lyons, 1987, p. 1). E continua: “poderá a linguística, tal como é praticada atualmente, ser corretamente descrita como uma ciência?” (Lyons, 1987, p. 1). Segundo o autor,

[...] o próprio fato de que há uma seção neste livro e em outras introduções à linguística, explicitamente dedicada à discussão do *status* científico desta disciplina não deve deixar de ser comentado. Afinal, disciplinas cujo *status* científico é inquestionável – a física, a química, a biologia etc. – não têm necessidade de justificar sua reivindicação de se chamar ciência. Por que deveria a linguística preocupar-se tanto em defender a validade de seu título? E por que, ao defender suas credenciais científicas, o linguista tantas vezes dá a impressão de protestar em demasia? O leitor tem todo o direito de levantar suspeita. (Lyons, 1987, p. 27).

As reflexões de Lyons são importantes e, ainda hoje, não podem ser ignoradas pelos linguistas. E elas não são voz isolada. São da mesma natureza as formulações encontradas em outros autores, também generalistas. O britânico David Crystal diz que “a linguística se define geralmente por referência a este critério: é o estudo científico da linguagem. Mas tal afirmação é demasiadamente simples. [...]. Quais são as características científicas que definem a abordagem moderna do estudo da linguagem?” (Crystal, 1991, p. 93). Ou ainda, entre nós, no Brasil: “não há univocidade em torno do sentido que se pode atribuir à palavra ‘ciência’, e seu correlato ‘científico’, quando aplicada à linguística. Quer dizer, o que se considera um estudo científico, nesse campo, pode variar muito, em função dos princípios epistemológicos adotados” (Battisti, Othero & Flores, 2022, p. 134).

Além disso, os motivos que levam os autores a justificarem a inclusão da linguística no âmbito da ciência são bastante diversificados. Para Lyons (1987, p. 27), a linguística “é empírica, ao invés de especulativa e intuitiva. [...]. Estreitamente relacionada à propriedade de ser empiricamente embasada está a da objetividade”. Para Crystal (1991, p. 95, destaques do autor),

[...] parece ser de acordo geral fora do campo da linguística (e, claro, também para muitos linguistas) que para que qualquer estudo mereça ser qualificado como científico, no sentido habitual, tem de possuir pelo menos três características fundamentais que deverão estar em evidência independentemente do facto de a linguística estar mais relacionada com a cientificidade das ciências naturais e físicas ou com a das ciências sociais. Se bem que a terminologia varie, etiquetá-las-ei de *carácter explícito*, *carácter sistemático* e *carácter objetivo*.

No Brasil, para Fiorin (2013, p. 37): “a linguística é uma ciência, porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim)”. Battisti, Othero & Flores (2022, p. 138), por sua vez, entendem que “um estudo deve atender duas condições para ser considerado científico no âmbito da linguística: a) delimitar um ‘fazer científico’ e b) adotar uma ‘atitude científica’”. Essa distinção entre “fazer científico” e “atitude científica”, segundo os autores, não privilegia um dado modelo teórico, uma dada linguística, mas possibilita ver que o “fazer” é da ordem do estabelecimento de método e objeto enquanto a “atitude” implica uma ética com o trabalho científico, o que leva os autores a elencarem uma série de “atitudes” condizentes com o “fazer”: recusa a juízos de valor; entendimento de que a transformação constante das línguas não é algum tipo de “corrupção”; interesse por todas as línguas, sem hierarquizá-las entre si nem em relação aos seus falantes, culturas e sociedades, entre outras.

Por fim, ainda tratando de trabalhos gerais da linguística, apenas para lembrar uma obra de referência, Ducrot e Todorov (1988, p. 9), na introdução que fazem ao *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, explicam que dão à palavra *linguagem*, presente no título, “o sentido restrito – e banal – de ‘língua natural’”; no entanto, “o plural *ciências* assinala, ao contrário, nosso desejo de abertura. [...] Subscrevemos

com isso o credo enunciado há tempos por um dos mestres da linguística moderna: *Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto*²” (Ducrot; Todorov, 1988, p. 9).

Como é possível ver a partir desse pequeno levantamento, é grande a falta de unanimidade em torno da discussão do enquadramento científico da linguística; é grande também a falta de concordância em torno tanto das condições quanto das consequências desse enquadramento. De unânime mesmo parece existir apenas o desejo de que a linguística seja ciência ou de que, no mínimo, seja admitida no interior de um discurso da ciência, o que não esclarece nada, já que resta ser elucidada a própria noção de ciência que serve de motriz desse desejo.

Em relação a trabalhos de cunho mais específico, que poderiam ser considerados “epistemológicos” *stricto sensu*, lembramos aqui apenas dois: *Introdução a uma ciência da linguagem* (2021), do linguista francês Jean-Claude Milner (ao qual voltaremos nas próximas seções), e *Introdução à leitura de Saussure* (2004), do também francês Simon Bouquet.

O primeiro livro apresenta uma sofisticada reflexão epistemológica sobre a linguística, ao examiná-la da perspectiva que procura avaliar a “hipótese segundo a qual a linguística é uma ciência, no mesmo sentido em que uma ciência da natureza pode ser uma ciência” (Milner, 2021, p. 16), hipótese essa produzida e levada a cabo no interior da chamada “Escola de Cambridge”, por um de seus maiores representantes, Noam Chomsky. Para tanto, Milner (2021, p. 41) se vale do que chama de “uma epistemologia padrão”, que “parece a menos inapta hoje a apreender os traços distintivos do que se apresenta sob o título de ciência moderna”. Trata-se de uma epistemologia oriunda do modelo galileano, na interpretação que dele faz Alexandre Koyré. O segundo livro apresenta uma profunda reflexão sobre ciência em relação à linguística de Ferdinand de Saussure. Bouquet apoia-se também na epistemologia de Koyré, mas com prolongamentos oriundos da metafísica kantiana.

Ainda em relação aos trabalhos de Jean-Claude Milner, em um dos capítulos de seu livro *O amor da língua* (2012), o linguista identifica a necessidade de pensar sobre o “ideal de ciência” e a “ciência ideal”, a fim de fazer uma leitura sobre como Saussure elabora a linguística enquanto ciência. Assim, Milner aponta que o “ideal de ciência” implica a possibilidade de “distinguir os fenômenos das coisas em si” (Milner, 2012, p. 51), de modo que seja possível passar dos fatos aos fenômenos – como a passagem da ideia ou do sentido ao significado e da ligação entre um som

² Em tradução livre: “Sou um linguista: julgo que nada da linguística me seja estranho”. Trata-se da frase dita por Roman Jakobson por ocasião do informe final à Conferência de Antropólogos e Linguistas, realizada na Universidade de Indiana, EUA, de 21 a 30 de julho de 1952. Esse informe está publicado no primeiro capítulo de *Linguística e comunicação* (1974). A passagem encontra-se na página 17 do livro. A afirmação é também retomada no final do artigo “Linguística e poética” (Jakobson, 1974, p. 161). A formulação de Jakobson parafraseia a frase de Terêncio: “*Homo sum: humani nihil a me alienum puto*” [Sou um homem: julgo que nada do humano me seja estranho].

e uma coisa do mundo ao arbitrário do signo. Já a “ciência ideal” diz respeito a um modelo particular de ciência que, por sua vez, permite um meio de fazer essa passagem.

Milner observa que, no caso de Saussure, o modelo que se apresenta é euclidiano (ou aristotélico), no qual a ciência é um discurso regido por dois princípios: o princípio do mínimo e o princípio da evidência. Isso se relaciona com o fato de que a “ciência ideal” é aquela em que todos os conceitos podem ser reduzidos a um número mínimo de axiomas, expressos em um número mínimo de conceitos primitivos, os quais devem ser evidentes, sendo dispensável que sejam demonstrados ou definidos (Milner, 2012, p. 53). Por fim, para articular a relação entre o “ideal de ciência” e a “ciência ideal”, o signo pode ser entendido como um conceito privilegiado, pois só o que tange às dimensões atribuíveis ao signo mostra-se da ordem da observação. Assim, o raciocínio elaborado por Milner permite entender que as concepções do que seja a ciência linguística podem diferir com relação ao que assumem como ciência ideal, mas não como ideal de ciência, uma vez que fazem, cada qual em sua medida e metodologia, a distinção entre os fenômenos e as coisas em si.

Embora nossa apresentação desses três últimos livros não faça jus à profundidade dos estudos que empreendem, ela é suficiente para trazer à luz um ponto: a avaliação da cientificidade da linguística normalmente é feita de uma maneira que poderíamos, temporariamente, considerar “de fora para dentro”. Quer dizer, adota-se um modelo de epistemologia – euclidiano, galileano, aristotélico etc. – a partir do qual a linguística é avaliada. Isso não deixa de colocar limites ao procedimento. De certa forma, vemos também isso nos trabalhos de ordem generalista, evidentemente em diferentes níveis de profundidade.

Isso posto, parece evidente que sustentar as proposições que subjazem ao título deste artigo – *há linguísticas e há epistemologias das linguísticas*; ao mesmo tempo, há aspectos em comum que justificam falar em *epistemologia da linguística* no singular – não é algo que se faça sem algum custo teórico; e o principal é explicitar o que provocou tais proposições, suas razões e causas.

Nesse sentido, gostaríamos de fazer nossas as palavras da linguista francesa Claudine Normand – autora de várias leituras epistemológicas luminosas – que, de maneira quase confessional, em seu livro *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique* (2006), apresenta um testemunho que lemos como uma espécie de advertência aos que se aventuram a refletir epistemologicamente no campo da linguística. O contexto da narrativa de Normand diz respeito ao deslocamento de seu trabalho como professora na universidade: ao deixar de ministrar aulas introdutórias em um curso de formação a pós-graduandos para dar aula, em um curso final, de algo “pomposamente intitulado ‘Epistemologia da linguística’”, Normand se questiona sobre a sua prática. A passagem é longa, mas necessária:

Poder-se-ia perguntar que qualidades eu tinha para me apresentar como especialista em epistemologia da linguística [...]. Há alguns meses, convidada para dar a primeira sessão do seminário comum de DEA³, propus uma palestra intitulada “Epistemologia e metalinguagem: duas ilusões necessárias”. Após este anúncio um tanto provocativo, foi preciso refletir e justificar os termos. Nesse momento, desviei a questão do meu caso pessoal, contentando-me em dizer que me vi rotulada de “epistemóloga”, - por mim? pelos outros? não sei mais... - título pomposo que tem seu revés: realmente não faço parte, portanto, dos praticantes, que, como sabemos, são sempre modestos e não têm tempo a perder com considerações filosóficas. [...] ⁴. Mas como chamar esse tipo de curso vindo em um segundo tempo, que se queria reflexivo, enquanto geralmente faltava aos alunos o mínimo de saber filosófico passível de lançar a reflexão? Apenas “Epistemologia da linguística” foi encontrado; pedi que modalizassem em “Elementos de epistemologia da linguística”, mas no jargão dos horários e escalas “elementos” caiu rapidamente. Que vá “epistemologia” então! Foi assim que me vi enfeitada com um título imponente que tive de assumir (Normand, 2006, p. 200-202).

O depoimento é contundente.

Nessa mesma direção, cabe fazer um último acréscimo – que, talvez, não tenha valor teórico, nem mesmo epistemológico, mas pode ter alguma relevância ética: o plural utilizado no título de nosso trabalho também nomeia uma atitude política em face do saber, qual seja, o não comprometimento com algum aspecto normativo de alguma teoria da ciência que vise reger o discurso científico e avaliar as teorias segundo critérios que mostrariam a inclusão, ou não, dessas teorias nesse discurso.

³ O diploma de estudos avançados (DEA) é um antigo diploma universitário, emitido na França entre 1964 e os anos 2000. É agora equivalente a um 2º ano de mestrado.

⁴ “On pourrait me demander à quel titre je me présentais comme une spécialiste d'épistémologie de la linguistique [...]. Il y a quelques mois, invitée à faire la première séance du séminaire commun de DEA, j'ai proposé un exposé sous le titre 'Épistémologie et métalangage: deux illusions nécessaires'. Après cette annonce un peu provocante, il fallut réfléchir et en justifier les termes. À ce moment-là, j'ai esquivé la question de mon cas personnel, me contentant de dire : je me suis trouvée étiquetée “épistémologue”, - par moi? par les autres? je ne sais plus ... - titre pompeux qui a son revers : je ne fais donc pas vraiment partie des praticiens, lesquels, on le sait, sont toujours modestes et n'ont pas de temps à perdre dans des considérations philosophiques [...]. Mais comment appeler ce type de cours venant dans un deuxième temps, qui se voulait réflexif alors que manquait généralement aux étudiants de ce cursus le minimum d'acquis philosophique susceptible de lancer la réflexion ? On ne trouva qu'“Épistémologie de la linguistique”; je demandai de modaliser en “Éléments d'épistémologie de la linguistique”, mais dans le jargon des emplois du temps et des tableaux de service “éléments” tomba rapidement. Va donc pour ‘épistémologie’ ! C'est ainsi que je me suis trouvée affublée d'un titre imposant qu'il m'a fallu assumer”.

Nosso propósito é mais modesto: trata-se apenas de estabelecer um ponto de vista – inicial – que poderia servir de subsídio para circunscrever a prática do linguista, seus critérios de trabalho e seus princípios básicos.

Scientia infima, Scientia minima, Res unica

Nossa problemática aqui tem apenas uma fonte: o pensamento de Jean-Claude Milner⁵, “um linguista capaz de captar o ponto de excesso da linguagem em relação à ciência”, nas palavras de Agamben (2015, p. 69). Porém, é justo que se diga: se é fato que, de um lado, Milner é a fonte de nossa tese, de outro lado, a ele não pode ser atribuído o ônus de tê-la formulado. Dito de outro modo, o que se apresenta a seguir é mais uma decorrência da leitura feita da obra – uma interpretação, portanto – do que algo que possa ser *pari passu* impingido ao linguista.

Muitos são os trabalhos de Milner que se interessam pela epistemologia, e isso não apenas no que tange à linguística. Mas, em relação a essa, não se pode desconhecer que Milner talvez seja o linguista que mais problematizou o discurso da ciência sobre o qual se alicerça a linguística. Em *Introdução a uma ciência da linguagem* (2021), ele deixa entrever um raciocínio segundo o qual a linguística é *scientia infima* e *scientia unica* porque seu objeto é *res unica*.

Para compreender o que Milner quer dizer com isso, vale retomar, em linhas gerais, seu percurso: para ele, a linguística é uma ciência empírica “no sentido de que define uma instância de refutação e que esta última é constituída a partir de dados contingentes das línguas” (Milner, 2021, p. 147), e uma ciência experimental, “na medida em que constrói ativamente as observações que darão lugar aos processos de refutação” (Milner, 2021, p. 147). Esse processo experimental, por sua vez, é “desprovido de ferramentas” (Milner, 2021, p. 147). Com isso, Milner quer chamar a atenção para o fato de que as “ferramentas experimentais” têm o papel de permitir “acesso à instância de refutação” (Milner, 2021, p. 147), quer dizer, elas “constroem a instância do *observatório*. Para que isso seja possível, convém que as ferramentas experimentais tenham uma independência lógica em relação às proposições submetidas ao teste” (Milner, 2012, p.147, *itálicos do autor*).

No caso da linguística, tem-se uma ciência experimental desprovida de observatório porque ela não possui ferramentas que permitam construir essa instância. Em linguística, o “exemplo” que se pode dar em uma língua A ou B – que poderia constituir o dito observatório – tropeça, porque a sua natureza de “exemplo” o

⁵ São trabalhadas aqui as seguintes obras: *Introdução a uma ciência da linguagem* (2021[1989]); *O amor da língua* (2012[1978]); *Le périple structural. Figures et paradigme* (2002); *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia* (1996[1995]); além de alguns artigos do autor (cf. *Referências*). Priorizamos citar as traduções brasileiras, embora, sempre que necessário, as edições originais tenham sido consultadas (cf. *Referências*).

impede de ser um dado “bruto”; ele já incorpora, em si, um mínimo de teoria: “a instância que deveria ter o papel de observatório não pode se tornar completamente independente da própria teoria linguística” (Milner, 2021, p. 148-149). Observemos a explicação de Milner (2021, p. 149):

[...] poderemos e deveremos testar proposições a respeito da passiva em uma língua, manipulando exemplos analisados sem nada prejudicar da natureza da passiva. Em contrapartida, nunca poderemos estabelecer, entre a análise linguística mínima suposta no menor exemplo e as proposições linguísticas submetidas ao teste, a relação de independência que articula, por exemplo, a astronomia e a ótica. Desse modo, o exemplo linguístico sempre supõe ao menos o uso de categorias linguísticas; ora, essas categorias, sua natureza e seu número, sua definição, não têm nada de evidente; e condicionam, de antemão, todas as proposições da ciência linguística: elas excluem dela, de antemão, certas proposições e, entre as proposições permitidas, estabelecem, de antemão, uma hierarquia preferencial.

A referência comparativa que Milner faz entre a astronomia e a ótica é bastante elucidativa. Ele indaga: “a luneta astronômica, por exemplo. A que se devem suas propriedades de observatório? Ao fato de que um conjunto definido de princípios científicos presidiu a sua construção; digamos, para resumir: uma ótica científica” (Milner, 2021, p. 147). A luneta independe “localmente” da astronomia, por isso ela pode ocupar o lugar de ferramenta experimental, capaz de construir um observatório para a astronomia, isto é, as “proposições da teoria astronômica dependem da luneta, mas a ótica da qual a luneta depende é localmente independente da astronomia” (Milner, 2021, p. 148). Ou ainda: a luneta reúne as propriedades suficientes para ser um observatório para a astronomia, pois sua existência independe da existência da astronomia. Nada disso acontece com a linguística, o que leva Milner a concluir que “em linguística, existem experimentações, mas não existe observatório – ou, o que dá no mesmo, o que passa por observatório inclui sempre um fragmento de teoria linguística, que não pode ser considerado totalmente independente do dado submetido à experimentação” (Milner, 2022, p. 150). Voltando ao exemplo anterior sobre a passiva, isso implica dizer que ela pode, sem dúvida, funcionar como uma espécie de instrumento de observação; no entanto, é necessário compreender que, para se dar um exemplo sobre a passiva, é necessário saber o que é a passiva, logo, o exemplo contém a teoria de que é exemplo. Essa conclusão de Milner é, no mínimo, desconcertante.

É esse raciocínio que permite a Milner dizer que a linguística é *scientia infima* – “tem um objeto mínimo, de tal modo que não podemos descer aquém dele. [...] Qualquer que seja o grau de formalização matemática de uma teoria, a última

instância sempre será uma proposição enunciada em língua natural” (Milner, 2022, p. 151) – e *scientia unica* – não pode se basear em nenhuma ciência para construir o seu observatório. Por fim, seu objeto é *res unica*, ou seja, o que distingue o objeto da linguística do objeto das outras ciências é que ele é único em seu gênero; a linguística “não pode nada apreender de importante, por enquanto, de nenhuma outra ciência” (Milner, 2021, p. 154).

Enfim, da combinação entre *scientia infima*, *scientia unica* e *res unica*, chegamos facilmente à conclusão de que a linguística tem um lugar muito particular entre as ciências: “o objeto da linguística é objeto de ciência somente para ela: ela tem tudo a dizer sobre ele, mas também é a única a falar dele e não o compartilha, ainda que parcialmente, com nenhuma outra ciência” (Milner, 2021, p. 155).

Apresentado o raciocínio de Milner, é tempo de explicitar em que medida ele pode fundamentar a nossa perspectiva neste artigo. Sendo a linguística *scientia infima*, *scientia unica* e com um objeto que é *res unica*, não seria o caso de pensarmos que uma epistemologia dessa *scientia* seria também única, uma epistemologia única? Admitida essa hipótese, que configuração teria essa “epistemologia do único”?

Falaremos especificamente nesse ponto a seguir; antes, porém, é necessário reunir mais argumentos para sustentá-lo, e eles virão, ainda, de Milner. No entanto, desta vez, nosso procedimento será menos ver os termos pelos quais Milner constrói sua reflexão e mais ver o que pode ser derivado – em termos de consequências – de suas observações. A seguir, lemos Milner, então, pelo que “resta” de suas formulações.

Da crítica milneriana ao que advém dessa crítica

Retomemos a proposição de Milner para analisá-la com mais detalhes: a linguística é uma *scientia infima* porque tem *res unica*, o que a torna uma *scientia unica*.

A noção de *scientia infima* está relacionada à questão do observatório: como mencionado no item anterior, a análise de Milner sobre a linguística gerativa o leva a concluir que a linguística “[...] é uma ciência experimental sem observatório” (Milner, 2021, p. 148). Essa ausência de observatório está diretamente ligada à natureza do objeto da linguística: mesmo a linguística recorrendo à matematização, as proposições de uma teoria sempre são enunciadas em língua natural. É fácil perceber que isso gera uma espécie de circularidade, já que, para que tais proposições sejam interpretadas de forma unívoca, é necessária uma gramática, ou seja, um “embrião de teoria linguística” (Milner, 2021, p. 151-152).

Essas observações sobre a linguística levam Milner a afirmar que a linguística é *scientia unica*, já que o fato de ser *infima* faz com que não seja possível se basear em nenhuma outra ciência para construir um observatório e que nenhuma outra ciência fale dos dados pertinentes para a linguística (Milner, 2021, p. 152). Milner

exemplifica tal afirmação falando do ferro: a química, para estudar o ferro, pode se valer de proposições que venham, por exemplo, da física (ex.: as leis da gravidade afetam o ferro assim como afetam qualquer outra matéria). No entanto, a linguística parece não poder contar com outras ciências quando pensamos nos dados brutos com os quais lida: não há nenhuma outra ciência que fale de *palavras e fonemas*, por exemplo.

Disso resulta que a linguística não dispõe de um objeto de análise *a priori*, ao contrário de outras ciências. Tanto seu objeto como suas ferramentas de análise são já e sempre teorias: a “proposição enunciada em língua natural”, resultante da formalização matemática, “deverá ser interpretável de maneira unívoca, mas essa univocidade, ela própria, reclama justamente uma gramática, que não passa de um embrião da teoria linguística. [...] Sempre já há língua e isso quer dizer que sempre já há teoria linguística” (Milner, 2021, p. 151-152).

Ainda, para compreender a proposição milneriana que abre esta seção, é preciso tratar da *res unica* que se oferece como objeto de investigação da linguística.

Em seu desejo de ser ciência, a linguística depara-se com uma questão incontornável: “se a linguística é uma ciência, é uma ciência de quê? Dito de outro modo, como ela denominará seu objeto?” (Milner, 2021, p. 46). Está anunciada, pois, a necessidade de delimitar um objeto de estudo para além de questões puramente terminológicas. Muito antes de serem interrogações ingênuas ou supérfluas, é exigido do linguista um recorte: diz-se que a linguística é a ciência que estuda a linguagem humana; contudo, Saussure dirá que seu objeto é a *língua* (*langue*), assim como Chomsky dirá que o seu é a *gramática*. *Linguagem, língua, gramática*: qual desses é o verdadeiro objeto da linguística? Para responder a essa questão, é preciso desvelar o conjunto de proposições que esses termos reúnem em si.

De acordo com Milner, essas proposições são irredutíveis, isto é, “são um limite mínimo que não se pode ultrapassar” (Milner, 2021, p. 47) sem que a linguística mesma se dissolva ao questioná-las, dado seu grau de essencialidade. São, portanto, *atos primitivos*, identificados pelo linguista como *factum loquendi*, *factum linguae*, *factum linguarum* e *factum grammaticae*.

O *factum loquendi* consiste na evidência de que há seres falantes e, assim, indivíduos em atividades languageiras. Esse fato corresponde, portanto, à noção de *linguagem* que se encontra nas discussões em linguística. No entanto, isso que se fala é “algo mais do que a única e massiva existência da linguagem: ela admite que os seres falantes falam *línguas*” (Milner, 2021, p. 49). Eis o *factum linguae*, que pressupõe a existência e a capacidade de distinção de propriedades que permitem distinguir língua de não língua. Ao fazê-lo, facilmente constata-se que há zonas de aproximação e de distanciamento entre as semelhanças e as diferenças do produto das atividades languageiras dos seres falantes: não há uma língua única, senão uma diversidade de

línguas. Essas, contudo, compartilham alguma homogeneidade, visto que a tradução é possível (Milner, 2021, p. 50). Por fim, se algo se pode descrever das línguas, é porque existe gramática; existe o *factum grammaticae*. Esses três últimos fatos são estenografados pelo termo *língua*. Complementares entre si, a *linguagem* e as *línguas* constituem a *res unica* da linguística.

As reflexões de Milner sobre a linguística e seu objeto o levam à seguinte conclusão: “Seja o que for a linguagem, a unicidade da linguística provoca uma consequência: dos objetos dos quais se ocupa, ela não pode nada aprender de importante, por enquanto, de nenhuma outra ciência” (Milner, 2021, p. 154). Toda essa reflexão nos conduz a pensar que a linguística, por ser uma *scientia infima* e uma *scientia unica*, por tomar como objeto uma *res unica*, deveria ter uma epistemologia própria.

O filósofo Giorgio Agamben (2005), em uma revisão do livro de Milner, afirma que o *factum loquendi* é de interesse da filosofia, já que diz respeito à existência do sujeito falante, e é estenografado pelo termo *linguagem*. À linguística, por sua vez, interessa em especial o *factum grammaticae*, isto é, a gramática que organiza as línguas. Ao empregar o termo *língua*, três fatos primitivos são estenografados: o *factum linguae*, o *factum linguarum* e o *factum grammaticae*. É seu interesse pela língua e, sobretudo, pelo *factum grammaticae* que alça a linguística um lugar único com relação às outras ciências.

Assim, enquanto a filosofia se ocuparia da pura e simples existência da linguagem, a linguística se preocupa em descrever como se organizam as suas categorias e propriedades. Nessa direção, caberia concluir que fazer linguística implica, necessariamente, produzir um *factum*: o *grammaticae*. A questão é *como* cada linguista produz o seu *factum grammaticae*. Essa é a consideração que determina as conclusões – ainda prospectivas – apresentadas no item seguinte.

Conclusão: elementos para uma epistemologia única

No item anterior, apresentamos a reflexão de Milner sobre a linguística ser uma *scientia infima* e, portanto, uma *scientia unica*, que tem *res unica*.

Valemo-nos dessas proposições de Milner para formular um princípio geral da epistemologia da linguística: toda a teoria linguística implica a construção de um *factum grammaticae*. Ou seja, a passagem dos outros *factum* ao *factum grammaticae* parece ser princípio geral de toda a epistemologia da linguística, mas (e essa é a direção que gostaríamos de indicar) *como* se dá essa passagem, isso é algo singular a cada teoria linguística. Assim, a base da epistemologia da linguística que propomos aqui passa por perguntar aos linguistas como eles produzem o seu *factum grammaticae*.

De certa forma, Milner já anunciava isso em outro texto, em que trata de alguns aspectos da teoria enunciativa de Antoine Culioli:

Em linguística, a maior parte das teorias verdadeiramente interessantes são criadoras de seu paradigma próprio; elas apresentam proposições tocando a integralidade da construção da ciência: seus conceitos fundamentais, a forma de suas demonstrações, a definição do objeto, a relação com a observação empírica etc. (Milner, 1992, p. 19)⁶.

Ao apresentar a ideia de um “paradigma próprio”, observamos que Milner parece dar valor de destaque à singularidade do linguista não apenas como pesquisador, mas também como sujeito e falante de uma língua sobre a qual teoriza. Isso porque entendemos que, para Milner, elaborar proposições que dizem respeito às noções básicas para o entendimento de ciência diz respeito, além de aos conceitos mobilizados, à relação entre o linguista e o objeto.

Em certa medida, isso ecoa nas próprias palavras de Saussure ao dizer que “é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1975, p. 15), uma vez que, em linguística, não há *objeto a priori*, senão o ponto de vista de cada linguista que percebe (ou ignora) fenômenos linguísticos a partir dos dados reunidos. Havendo um ponto de vista, tem de haver também quem detenha a “vista”: há sempre um sujeito empírico identificado como linguista que, ao buscar fazer ciência, faz incidir sua própria interpretação sobre os dados. É a partir da experiência como falante que o linguista constrói seu objeto.

Há, ainda, um elemento a ser acrescentado: desta vez, não advindo diretamente do texto de Milner, mas observado por Cláudia de Lemos (2008, s/p) no *recorte milneriano* do qual se vale. Diz ela: “muito já se refletiu e se escreveu sobre essas questões do ponto de vista do objeto da linguística. Pouca atenção, porém, foi dada a suas implicações no que diz respeito à prática do linguista”. Se, como dissemos, cada linguística constrói o seu *factum grammaticae*, não se pode minimizar a importância do fato de que há sempre um sujeito que constrói – há sempre um linguista implicado na construção desse *factum*.

Nesse sentido, entendemos que o *factum grammaticae* identificado por Milner desvela algo além da existência de uma gramática que organiza as línguas: a incontornável posição de falante do linguista, impossibilitado de fazer de sua ‘análise’ uma operação que possa prescindir da singularidade de sua escuta. Ou, em outras

⁶ “En linguistique, la plupart des théories véritablement intéressantes sont créatrices de leur paradigme propre; elles avancent des propositions touchant l’intégralité de la construction de la science : ses concepts fondamentaux, la forme de ses démonstrations, la définition de l’objet, le rapport à l’observation empirique, etc.”.

palavras, “uma operação que possa escapar à circularidade que advém do fato de que *sua posição como linguista não constitui uma instância independente de sua condição de falante*” (Lemos, 2008, p. 82, itálicos nossos).

Compartilhando o *recorte milneriano* de Lemos, buscamos avançar a discussão feita pela autora ao dilatarmos um dos *factos primitivos* de Milner – o *factum grammaticae* – para, entre outros objetivos, pensarmos “os paradoxos encobertos pela naturalização da prática do linguista” (Lemos, 2008, p. 83). Assim, parece que a necessidade de construir um *factum grammaticae* é um princípio geral de epistemologia da linguística; mas a forma como cada linguista constrói esse *factum* se singulariza em relação às diferentes teses e objetivos que tem. Construir uma epistemologia da linguística passaria, então, por compreender como cada linguista constrói seu *factum*.

Em suma, a partir da reflexão de Milner, concluímos que a linguística também deve ter uma *epistemologia única*. Além disso, adicionamos à reflexão de Milner a questão – central, ao nosso ver – da condição de falante do linguista, advinda da reflexão de Lemos (2008).

No entanto, resta ainda explicar em que consistiria essa epistemologia única, o que implica tratar da multiplicidade que anunciamos ao utilizar o plural no título deste trabalho: se a linguística tem uma *epistemologia única*, por que falamos de *linguísticas e suas epistemologias*?

Nossa proposta aqui encaminha uma resposta a essa questão que é, também ela, uma proposição epistemológica: uma epistemologia da linguística que levasse em conta o plural do qual partimos teria que ser constituída, necessariamente, por aspectos gerais e específicos.

Os aspectos gerais seriam muito poucos (mínimos) e consistiram em uma espécie de “epistemologia mínima”, relacionada à natureza do objeto estudado – a linguagem – e ao fato de o linguista ser falante. Os aspectos específicos diriam respeito à especificidade de construção de cada *factum grammaticae*.

No entanto, o fato de a linguística ser uma *scientia unica* tem outra consequência: o fato de o linguista não poder se basear em nenhuma outra ciência para desenvolver suas conjecturas faz com que sua prática seja, nas palavras de Milner, um “laboratório epistemológico constante” (Milner, 2012, p. 157). Assim, entendemos que qualquer teoria linguística tem, de certa forma, uma “epistemologia única”. Uma vez que não há um modelo a ser seguido por conta da unicidade do objeto e que qualquer proposição linguística traz, em si, um embrião de teoria linguística, podemos entender que toda formulação teórica em linguística é, em um certo sentido, também uma formulação epistemológica.

Referências

- AGAMBEN, G. Filosofia e linguística – Jean-Claude Milner: Introduction à une science du langage. In: AGAMBEN, G. *A potência do pensamento*. Ensaios e conferências. Tradução de António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 51-69
- BATTISTI, E.; OTHERO, G. de A.; FLORES, V. do N. *Conceitos básicos de linguística*. Noções gerais. São Paulo: Editora Contexto, 2022.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- CRYSTAL, D. *A linguística*. Tradução de de Isabel Hub Faria. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- DUCROT, O; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Tradução de Alice Kyoto Miyashiro (et al.). São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-43
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.
- LEMOS, C. T. G. Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa lingüística e/ ou por onde circula o lingüista. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, s/p, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55632>. Acesso em: 6 mai. 2023.
- LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1987.
- MILNER, J-C. De Quelques aspects de la théorie d'Antoine Culioli projetés dans un espece non énonciatif. In: MILNER, J-C. *La théorie d'Antoine Culioli*. Ouvertures et incidences. Paris: OPHRYS, 1992. p. 19-38
- MILNER, J-C. *O amor da língua*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- MILNER, J-C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Tradução de Daniel Costa da Silva et al. Petrópolis: Vozes, 2021.
- NORMAND, C. *Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique*. Paris: OPHRYS, 2006.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1975.